

**XVII CONGRESSO
NACIONAL DE
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO**
COPED/2026
09 A 11 DE JUNHO



**EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MUNDO:
UTOPIAS HEIBERLIANAS**



**AS MULHERES E O ILUMINISMO: O ENSINO DA REVOLUÇÃO FRANCESA A
PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO EM CONTRAPOSIÇÃO À
INVISIBILIZAÇÃO HISTORIOGRÁFICA**

Pedro Samuel Santos Oliveira
Unimontes
psantosoliveira2@gmail.com

Maria Cristina Silva Macedo
Unimontes
crisahistoria@gmail.com

Adrielly Sâmela Viana de Sá
Unimontes
adriellysamela27@gmail.com

Clelma R. Martins Mendes
E. E. Cel. Filomeno Ribeiro
clelmamartinsmendes@gmail.com

César Henrique de Queiroz Porto
Unimontes
cesarqueirozporto@gmail.com

Eixo: 3- Educação e Diversidade

Resumo Expandido

O trabalho discute o ensino da Revolução Francesa sob uma perspectiva de gênero, destacando a invisibilização das mulheres na historiografia e nos livros didáticos. Com base em experiências do PIBID/História da Unimontes, propõe valorizar a atuação feminina em eventos históricos como elemento essencial para ampliar a compreensão da disciplina e fortalecer a formação crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Revolução Francesa; Gênero; Ensino de História; Mulheres; Iluminismo

Introdução

A Revolução Francesa é frequentemente apresentada como marco da modernidade política, associada à universalização dos direitos. Entretanto, tal universalidade revela-se excludente quando analisada sob a perspectiva de gênero. No ensino de História, essa contradição tende a ser silenciada, reproduzindo uma narrativa centrada em sujeitos masculinos. Como aponta Joan Scott (1995), o gênero pode ser compreendido como uma categoria analítica fundamental para interpretar as relações de poder historicamente construídas, o que implica



reconhecer que o apagamento das mulheres não é acidental, mas estruturante da narrativa histórica. Nesse sentido, repensar o ensino da Revolução Francesa exige problematizar os mecanismos que produziram essa invisibilização. Nesse contexto, o presente trabalho parte de uma experiência pedagógica desenvolvida no ano de 2026, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na turma de 2º ano do Ensino Médio integral da Escola Estadual Coronel Filomeno Ribeiro. A proposta de ensino buscou problematizar a narrativa tradicional da Revolução Francesa, incorporando a perspectiva de gênero como eixo estruturante da abordagem, de modo a evidenciar a atuação das mulheres e tensionar os limites do discurso historiográfico hegemônico presente nos materiais didáticos e nas práticas escolares.

Justificativa e problema da pesquisa

A permanência de abordagens tradicionais nos livros didáticos e nas práticas escolares evidencia a necessidade de revisão crítica do ensino da Revolução Francesa. Conforme Michelle Perrot (2007), a ausência das mulheres na narrativa histórica não decorre de sua inexistência, mas de processos que as colocaram à margem da história, resultado de escolhas políticas e epistemológicas. O problema central desta pesquisa consiste em compreender como o ensino de História pode romper com essa lógica excludente, incorporando a participação feminina como dimensão constitutiva do processo revolucionário. Questiona-se, portanto, de que forma a perspectiva de gênero pode contribuir para uma leitura mais ampla e crítica da história ensinada.

Objetivos da pesquisa

O estudo tem como objetivo geral analisar a dualidade da participação feminina na Revolução Francesa, marcada pela atuação ativa no espaço público e pela exclusão no campo dos direitos. Especificamente, busca-se: apresentar o protagonismo das mulheres em ações como marchas, clubes políticos e produção de manifestos; discutir o pensamento das intelectuais iluministas que problematizam a inferiorização feminina; e oferecer subsídios teóricos e metodológicos para o ensino de História a partir de uma perspectiva de gênero, estabelecendo relações com a sociedade brasileira contemporânea.

Referencial teórico que fundamenta a pesquisa

O referencial teórico articula os estudos de gênero à historiografia das mulheres e ao ensino de História. Joan Scott (1995) fundamenta a análise ao compreender o gênero como categoria que organiza relações de poder. Michelle Perrot (2007) contribui ao evidenciar os mecanismos de silenciamento das mulheres na história. No campo do Iluminismo, destacam-se autoras que tensionaram o universalismo moderno. Olympe de Gouges, ao afirmar que “a mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos” (GOUGES, 1791), denuncia a exclusão feminina no projeto revolucionário. Mary Wollstonecraft critica a construção social da inferioridade feminina ao defender que “não desejo que tenham poder sobre os homens, mas sobre si mesmas” (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 82). Catharine Macaulay argumenta que a



desigualdade decorre da falta de educação igualitária. Essas autoras evidenciam que o Iluminismo foi atravessado por disputas, nas quais a questão feminina ocupou lugar central.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, articulada à prática pedagógica desenvolvida no PIBID. Foram analisados livros didáticos de História, identificando-se as formas de representação da participação feminina na Revolução Francesa. Paralelamente, foram elaboradas sequências didáticas baseadas na análise de fontes históricas e textos teóricos, buscando problematizar as narrativas tradicionais. A observação das atividades em sala de aula permitiu avaliar a recepção dos estudantes e os impactos da abordagem proposta.

Análise dos dados e resultados finais da pesquisa

Ao analisar os materiais didáticos que retratam a Revolução Francesa, foi possível constatar que estes se centram predominantemente em figuras masculinas e, ao abordar sobre corpos femininos, aparecem de forma secundária sem o devido destaque para sua participação política, social e intelectual no processo revolucionário. A partir disso, a intervenção promovida pelos pibidianos buscou questionar essa narrativa, incorporando novas fontes e discussões que evidenciaram o protagonismo feminino. Durante esse momento, observou-se que os estudantes passaram a questionar com mais frequência a ausência das mulheres nos conteúdos tradicionais, demonstrando maior engajamento e interesse pelas discussões propostas.

Relação do objeto de estudo com a pesquisa em Educação e eixo temático do COPED

O estudo insere-se no eixo Educação e Diversidade, ao propor práticas pedagógicas que valorizam sujeitos historicamente invisibilizados. Ao articular ensino de História e perspectiva de gênero, contribui para a construção de uma educação crítica, comprometida com a equidade. Como destaca Scott (1995), analisar as relações de gênero é fundamental para compreender as estruturas sociais, o que reforça a relevância dessa abordagem no contexto educacional.

Considerações finais

A experiência em sala de aula pelo PIBID de História mostrou que analisar o processo da Revolução Francesa centrada em uma perspectiva de gênero possibilita para além de incluir novas personagens na discussão, amplia a compreensão do processo revolucionário, no qual se torna visível o protagonismo feminino para sua realização, além de desviar-se do apagamento proposital promovido por figuras masculinas da época. A partir dessa abordagem, evidenciam-se também as contradições do próprio discurso revolucionário, especialmente no que diz respeito à universalização dos direitos, que, embora proclamada, não se efetivou de maneira igualitária. As mulheres, mesmo atuando ativamente nas mobilizações e debates políticos, permaneceram excluídas dos espaços formais de poder e

**XVII CONGRESSO
NACIONAL DE
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO**
COPED/2026
09 A 11 DE JUNHO



**EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MUNDO:
UTOPIAS HEIBERLIANAS**



cidadania. Nesse sentido, trabalhar essa perspectiva em sala de aula contribuiu para que os estudantes desenvolvessem uma leitura mais crítica da História, compreendendo que os processos históricos são marcados por disputas, silenciamentos e relações de poder. Além disso, traçou-se um paralelo com a questão da atuação e representação das mulheres nos cargos de poder na atualidade, de modo a compreender os avanços e problematizar os desafios a serem superados na sociedade brasileira. Assim, o ensino torna-se mais reflexivo, estimulando o questionamento das narrativas consolidadas. Dessa forma, reafirma-se a importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade dos sujeitos históricos, promovendo uma educação mais crítica, inclusiva e comprometida com a construção de novos olhares sobre o passado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

GOUGES, Olympe de. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã. 1791. *Documento histórico*.

MACAULAY, Catharine. Letters on education: with observations on religious and metaphysical subjects. London: C. Dilly, 1790.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

STAËL, Germaine de. Considerações sobre a Revolução Francesa. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

WOLLSTONECRAFT, Mary. Reivindicação dos direitos da mulher. São Paulo: Boitempo, 2016.